

**(God's Presence in the Sanctuary: A Theology of His Nearness)**  
**A Presença de Deus no Santuário:**  
**Uma Teologia de Sua Proximidade**

Ángel Manuel Rodríguez

*Crença Fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia - # 23 “O Ministério de Cristo no santuário celestial.” Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote por ocasião de Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa de Seu ministério expiatório. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo o pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Exiação. Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dormem em Cristo, sendo, portanto, nEle, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem, dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nEle, preparado para a trasladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que creem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os humanos, antes do segundo advento. (Hb 8:1-5; 4:14-16; 9:11-28; 10:19-22; 1:3; 2:16, 17; Dn 7:9-27; 8:13, 14; 9:24-27; Nm 14:34; Ez 4:6; Lv 16; Ap 14:6, 7; 20:12; 14:12; 22:12.)”*

No próprio núcleo da doutrina Adventista do santuário encontra-se a pessoa e obra de Cristo por nós como nosso Sumo Sacerdote. Os Adventistas vêem Sua obra de forma holística, incluindo Sua encarnação, ministério terrestre, morte, ressurreição e ascensão, Seu ministério sumo-sacerdotal no santuário celestial e Seu retorno em glória. Cristo é representado como Sumo Sacerdote, Sacrifício, Salvador, Mediador e Juiz. A teologia do santuário trata dos interesses históricos e teológicos. Neste artigo, vamos lidar principalmente com um aspecto do seu conteúdo teológico, mas primeiro uma palavra sobre o seu valor histórico.

### **Contribuição Histórica**

Este artigo de fé está diretamente relacionado com a profecia apocalíptica de Daniel 7 e 8 e a ascensão histórica do movimento Adventista. Esta perspectiva afirma que, por meio das profecias de Daniel e outros, Deus estava intencionalmente descrevendo um acontecimento importante na história da salvação que deveria acontecer no final das 2.300 tardes e manhãs mencionadas em Daniel 8:14. Nesse tempo, a purificação do templo celestial devia começar. Esta purificação devia acontecer através da obra de juízo de Cristo no templo celestial, levando à parousia e à solução final do problema do pecado.

Enquanto isso, aqui na terra Deus estava levantando um movimento de restauração e reforma cujo objetivo particular era preparar a humanidade para o retorno de Cristo em glória através da proclamação das mensagens dos três anjos de Apocalipse 14:6-12. O significado histórico da doutrina do santuário não é algo que deve ser ignorado ou considerado um resultado fossilizado da abordagem do século XVIII às profecias apocalípticas que têm pouca ou nenhuma relevância para nós hoje.

A profecia é perturbadora para alguns leitores modernos, porque o profeta teve a imprudência, a audácia, ou, talvez melhor, a ingenuidade de prever um evento que deveria

acontecer 2.300 anos mais tarde (457 A.C. - 1844 D.C.). Pode-se facilmente entender como isso poderia ser uma pedra de tropeço para muitos no mundo contemporâneo. A contribuição histórica da doutrina do santuário está diretamente ligada à auto identidade do movimento Adventista, sua mensagem, e sua missão, e tem sido reafirmada sobre fundamentos exegéticos e teológicos.<sup>1</sup>

### **Conteúdo Teológico**

De uma perspectiva teológica, a doutrina bíblica do santuário aborda, entre outros temas teológicos, uma preocupação bíblica e existencial fundamental que perturba os seres humanos por séculos, ou seja, o fenômeno da proximidade de Deus. Ele tem perturbado os seres humanos, porque o que parecemos experimentar não é tanto a Sua proximidade, mas a Sua distância ou ausência. O mundo social em que vivemos é caracterizado por conflitos, preconceitos, solidão e individualismo. A mensagem do santuário alcança-nos num mundo em que o inter-relacionamento e a proximidade pessoais estão agonizando. Ela nos assegura que, mesmo em meio ao caos, Deus está muito perto de nós.

O tema da presença e proximidade de Deus está localizado no cerne da teologia bíblica do santuário e engloba a teologia bíblica do começo ao fim. Ele poderia facilmente funcionar como um tema teológico unificador e integrador.<sup>2</sup> Ele flui desde a criação até a soteriologia e da escatologia até a consumação da salvação na recriação.

### **A Criação e a proximidade de Deus**

A criação é a primeira obra de Deus “fora” do círculo das relações inter-trinitárias. Esta nova tarefa divina refere-se a uma obra que se realiza na esfera do nada, da qual Deus, de maneira sem esforço, trouxe à existência o universo e a diversidade de elementos que o compõem. A palavra falada mediou o ato de criação (Sl 33:6).

Visto que a criação ocorre fora de Deus, existe, por natureza, uma distância entre Deus e Sua criação. Esta ideia é enfatizada na Bíblia por meio do conceito de incomparabilidade de Deus. Isaías citou o Senhor dizendo: “Com quem vocês vão comparar-me ou a quem me considerarão igual? A quem vocês me assemelharão para que sejamos comparados? ... Lembrem-se das coisas passadas, das coisas muito antigas! Eu sou Deus, e não há nenhum outro; eu sou Deus, e não há nenhum como eu” (Is 46:5, 9, NVI; cf. 45:5, 6).

Uma vez que tudo o que existe pertence à categoria do criado, não há nada e ninguém dentro do universo que seja igual ao Criador. Ele é realmente único. A distância entre Ele e Sua criação é radicalmente declarada quando é categoricamente afirmado que “os céus, mesmo os mais altos céus, não podem conter-te” (1Rs 8:27, NVI).

Ou seja, a criação não pode circunscrever a Deus porque Ele é, por natureza, o Criador transcendente cujo modo de existência é fundamentalmente, mesmo essencialmente, diferente daquela de Suas criaturas. O universo e a criação não são a habitação natural de Deus. Isto levanta a importante questão da natureza da presença de Deus dentro de Sua criação.

A doutrina do santuário revela que nosso Deus transcendente escolheu estar perto de Suas criaturas, para habitar entre elas. Esta simples visão teológica torna impossível a opção filosófica do deísmo que argumenta por um Deus distante que abandonou Sua criação e a deixou para ser governada por leis impessoais. Ela também rejeita o panteísmo que retrata a presença de Deus dentro da criação não como proximidade, mas como incorporado na criação, na medida em que a essência divina impessoal permeia tudo o que existe.

O Deus bíblico é um Deus pessoal que, em um ato de condescendência, Se localizou dentro de Sua criação para ter comunhão com Suas criaturas inteligentes autoconscientes. O salmista nos assegura que o “SENHOR está no seu santo templo; o SENHOR tem o Seu trono nos céus” (11:4, NVI). O Incomparável “estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo” (Sl 103:19, NVI). Esse trono “está firme desde a antiguidade” (93:2, NVI).

A presença localizada de Deus dentro do espaço de Suas criaturas é um fragmento único de espaço no universo. É um espaço dentro do qual Deus Se torna acessível às Suas criaturas; a vida inteligente assegura em toda parte do cosmos que Deus está realmente próximo. Mas Sua presença localizada não O limita ou restringe a um lugar em particular.

É precisamente porque Ele está vivendo em um local em particular dentro da criação que Sua presença é sentida em toda parte da totalidade do universo. Ele disse aos israelitas: “Sou eu apenas um Deus de perto,” pergunta o SENHOR, ‘e não também um Deus longe? Poderá alguém esconder-se sem que eu o veja?’ pergunta o SENHOR. ‘Não sou eu aquele que enche os céus e a terra?’” (Jr 23:23, 24, NVI).

Nada, absolutamente nada, acontece no universo fora da presença de Deus. O Deus pessoal que habita no templo celestial ao mesmo tempo governa de lá sobre a totalidade do espaço habitado por Suas criaturas (Sl 139:7-16).

Este fragmento único e sublime do espaço é o centro administrativo do universo a partir do qual o Senhor “domina sobre tudo” (103:19, NVI). É o lugar central para que as criaturas celestiais adorem o Senhor e sejam instruídas por Ele (103:19-22). É também ali que o concílio celestial se reúne com o Senhor (89:5, 6; cf. Jó 1:6). Ele é fundamentalmente um espaço sagrado de reunião ou encontro entre Deus e Sua criação, um ponto de referência que orienta todos os outros espaços.

A família celestial sabe onde Deus tem se localizado, onde Sua presença imediata pode ser experimentada. A proximidade de Deus é real e visível no templo celestial. Foi o amor de Deus que O moveu para ser íntimo e muito próximo daqueles que Ele amava. Essa proximidade também era indispensável porque a criação é finita por natureza; ela não pode sustentar a si mesma. A proximidade de Deus foi o meio através qual Seu poder sustentador preservou a criação da auto extinção.

Ao mesmo tempo, Sua proximidade satisfaz a necessidade interna de Suas criaturas de ter comunhão com seu Criador. O fragmento do espaço no qual Deus Se localizava – o santuário celestial – proporcionou uma proximidade divina que era indispensável para o bem-estar do universo, e em particular para o de Suas criaturas autoconscientes e inteligentes.

### **O Pecado e a proximidade de Deus**

O pecado é a tentativa das criaturas de Deus de se distanciar de seu Criador, reivindicando autonomia e autodeterminação (Is 29:13). Esta atitude de rebelião é uma rejeição da proximidade de Deus que é mais tarde percebida pelos seres humanos como a ausência de Deus. O plano de salvação de Deus é a maneira de construir uma ponte entre a distância entre Ele e as criaturas pecaminosas para que Ele esteja próximo delas.

A rebelião dos seres humanos, manifestada em sua vontade de unir forças com o inimigo de Deus no conflito cósmico, moveu o próprio planeta da proximidade a Deus. Ela removeu ou distanciou a terra e tudo o que estava sobre ela de Deus.

Ao pedir aos Israelitas que Lhe construíssem um santuário, Deus estava mostrando a eles que, apesar do pecado, Ele ainda estava perto deles; que mesmo que eles não tivessem acesso à habitação celestial, Ele estava disposto a se localizar dentro de um mundo de pecado para revelar Sua disposição graciosa de estar perto deles. Conseqüentemente, Deus selecionou um fragmento particular de espaço dentro do espaço do pecado e da impureza e o santificou. Ele recriou um fragmento da criação original livre do miasma do pecado e do mal e ocupou-o — veio habitar nele. Essa moradia terrena era uma ilustração da forma como o reino celestial de Deus opera e a maneira como Ele ia restaurar a proximidade de Sua presença de uma raça caída. Assim, o pecado não tinha sido totalmente capaz de separar Deus dos pecadores. Ele ainda era um Deus próximo.

A dimensão surpreendente do plano de Deus não era que Ele estava disposto a viver em um templo terrestre, dentro de um mundo de rebelião, a fim de proporcionar aos seres humanos acesso ao Seu templo celestial. O aspecto incompreensível da angústia de Deus por proximidade de nós é que Ele localizou a plenitude de Sua presença em um ser humano, Jesus (Cl 1:19). Esta é a acessibilidade e proximidade ideais!

Pode ser difícil para alguns reconhecer que Deus habita em um templo celestial real, mas é muito mais difícil imaginá-Lo totalmente localizado na pessoa de um ser humano, ou seja, em Jesus. Nele, o divino e o humano foram unidos, revelando uma proximidade inquebrável de Deus com os humanos. O acesso à gloriosa proximidade de Deus em Seu templo celestial agora era possível exclusivamente através de Jesus (Jo 14:1-3; Rom. 8:34-39; Hb 7:25). A natureza parabólica e a função do santuário terrestre chegaram ao fim quando “o verbo se tornou carne e fez a sua habitação entre nós” (Jo 1:14, NIV).

### **Restaurando a proximidade divina**

Como a proximidade divina foi restaurada aos seres humanos rebeldes? A distância criada pelo pecado era real e teria sido permanente se não fosse desfeita pelo ato reconciliador de salvação de Cristo. Desde a Queda Deus ilustrou para nós através do sistema sacrificial como traria os seres humanos de volta à proximidade com Ele. As vítimas sacrificiais portavam o pecado dos pecadores arrependidos, experimentando a distância definitiva de Deus através da morte, enquanto o pecador experimentava a proximidade de Deus através do perdão. Deus em Seu santuário estava, por meio de Sua graça perdoadora, assumindo a responsabilidade pelos pecados dos seres humanos arrependidos, encontrando uma maneira de permitir que eles permanecessem em Sua presença (Êx 34:5-7).

O significado tipológico do sistema sacrificial encontrou seu cumprimento na morte de Cristo. Ele portou nossos pecados na cruz, experimentando assim a distância absoluta de Deus que todos nós merecemos. A pergunta agonizante de Cristo, “meu Deus, meu Deus, por que você me abandonou?” (Mt 27:46, NIV), levantou de uma maneira única a necessidade de Deus de proximidade.

O custo de nossa redenção foi pago pelo próprio Deus quando a Trindade experimentou a separação, o afastando voluntário de um dos Seus membros. Havia unidade, mas unidade no sofrimento e na distância. Assim, a proximidade de Deus a nós era possível, porque Deus estava em Cristo experimentando nossa distância eterna Dele.

### **A humanidade trazida para mais perto**

O poder expiatório da Cruz tornou possível para nós ter acesso à presença de Deus em Sua habitação celestial. A proximidade de Deus com a totalidade do cosmos tem sido restaurada para a raça humana através de Cristo. Ele ascendeu ao Pai e sentou-Se à Sua mão direita (Hb 8:1, 2). Este é o mais próximo que alguém poderia estar de Deus.

Igualmente importante é o fato que nenhuma outra pessoa pode nos tornar mais próximos do Pai do que Jesus porque Ele é o Filho de Deus (5:5). Como Filho, Ele está constantemente em Sua presença imediata, e como Ele é nosso Mediador, participamos desse mesmo privilégio através Dele. Sem a proximidade de Cristo a Deus como Mediador no templo celestial, a plenitude dos benefícios da Cruz será inacessível a nós. É através Dele que o poder expiatório da Cruz continua a ser eficaz em nossa vida e na vida daqueles que estão constantemente se entregando a Jesus (1Jo 1:9; 2:1, 2). Por meio de Sua obra no templo celestial, a proximidade de Deus continua a sustentar o universo (Cl 1:17), para preservá-lo apesar da presença do mal e nos proporciona acesso ao próprio trono de Deus (Hb 4:15, 16). Através dela experimentamos a proximidade de Deus em momentos de turbulência existencial (Hb 4:16; Sl 34:19).

## **A Escatologia e a consumação da proximidade de Deus**

A mediação de Cristo no santuário celestial desempenha um papel central em levar o conflito cósmico a um fim, transformando a esperança Cristã em uma realidade gloriosa. Sua obra de reconciliação foi tipificada por meio do ministério diário do sacerdócio do Velho Testamento e de Sua obra de juízo por meio dos serviços do Dia da Expição.

O livro apocalíptico de Daniel anunciou uma tentativa humana de usurpar a mediação de Cristo e com ela o livre acesso e proximidade a Deus que Cristo obteve para nós (8:9-12). Isso aconteceu através da instituição de um falso sistema de mediação dentro da própria igreja. A mesma profecia apontou para o momento em que tal usurpação deveria ser desmascarada por meio da proclamação do ministério sumo sacerdotal de Cristo como a única e exclusiva forma de acesso a Deus em Sua habitação celestial (8:13, 14).

Daniel usa a tipologia do Dia da Expição para descrever a consumação da obra redentora de Deus em Cristo. O templo celestial é o lugar onde Deus tem lidado com o problema do pecado por meio da mediação de Cristo, mas essa obra de mediação terminará por meio da purificação escatológica cósmica do pecado e dos pecadores rebeldes. Então a proximidade de Deus com Suas criaturas se manifestará através do juízo escatológico.

Em Daniel 7 a proximidade de Deus está associada a uma obra de juízo que se realiza diante de Sua hoste angélica (7:9, 10, 22). Na Bíblia Deus pode chegar perto de Seu povo e Seus inimigos em juízo e o resultado é vindicação e segurança para Seu povo e derrota e vergonha para Seus inimigos (Os 9:7; Is 51:5; Sl 69:19).

A imagem usada ao longo de uma grande seção de Daniel 7 é militar. No entanto, a derrota da quarta besta e seu “chifre pequeno” acontece no tribunal. Ou seja, a sua destruição final tem uma base legal; ela não é uma decisão arbitrária motivada pela raiva divina irracional. A proximidade de Deus no juízo resulta na vitória do Seu povo e no extermínio do poder maligno que perturba a ordem cósmica e a proximidade original estabelecida por Deus com Seus filhos no início. O reino, entregue por Deus ao Filho do Homem, pertence agora a Ele e ao Seu povo.

## **A proximidade de Deus no juízo final**

A proximidade de Deus no juízo é possivelmente uma das imagens mais importantes usadas na Bíblia para descrever a consumação da obra redentora de Deus. Na solução do problema do pecado, um dos aspectos mais importantes não é o seu extermínio, mas o reconhecimento por todas as partes envolvidas que o extermínio é indispensável e justificável. Todos devem ser plenamente e absolutamente persuadidos que esta é a decisão correta na luta cósmica. A destruição do mal não é apenas a decisão de Deus, mas a decisão de cada criatura, incluindo aqueles que serão apagados do universo. Isto será realizado através dos juízos pré-advento (Dn 7:9, 10, 26, 27; Rm 2:5), o milenar (Ap 20:4), e o pós-milenar (20:11-15), ou seja, o juízo final.

Nas visões de Daniel, o juízo, purificação e o livramento são inseparáveis. Este conjunto de ideias é encontrado no segundo sonho de Daniel (Dn 8). Ele aborda o tema da salvação usando um termo no qual ideias jurídicas, cúlticas e soteriológicas interagem – o verbo Hebraico *tsadaq*, “estar certo, ser justo” (cf. Is 53:11).

Por meio da ideologia do Dia da Expição, Daniel é informado que a ordem cósmica original ou a proximidade será restaurada por meio do juízo, da vindicação e da purificação. As imagens militares são deixadas para trás, e uma nova imagem é usada para definir que a partir dela o universo precisa ser libertado da impureza, da separação de Deus. Isto traz a questão da salvação a um nível pessoal, porque insinua que somos impuros e, portanto, nos tornamos distanciados de Deus. A ameaça ao povo de Deus não é mais um ataque externo de forças inimigas, mas uma condição interna que ameaça o gozo da proximidade de Deus.

A consumação da purificação do povo de Deus e do universo através do juízo final resultará na restauração da harmonia cósmica; proximidade permanente de Deus e acessibilidade a Suas criaturas. O sonho de Daniel no capítulo 8 está apontando para aquele acontecimento glorioso que passa a ser, sob a providência de Deus, o próprio objetivo do plano de redenção e da história humana.

A escatologia Cristã sempre antecipou a visão beatífica de Deus, o gozo permanente da presença imediata de Deus pelos redimidos (Mt 5:8). Naquele momento, a proximidade de Deus será experimentada de uma maneira nova e pessoal, mesclando visibilidade com acessibilidade permanente. A doutrina Adventista do santuário proclama e alegremente antecipa esse momento (Ap 21:3, 4).

---

1 A melhor fonte de informação é encontrada na série intitulada *Daniel and Revelation Committee Series* (Frank B. Holbrook, ed.), que inclui os títulos *Symposium on Daniel* (Washington, D.C., BRI, 1986); idem, *70 Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy* (Washington, D.C.; BRI, 1986); idem, *Issues in the Book of Hebrews* (Washington, D.C.: BRI, 1989); Arnold V. Wallenkampf e Richard Leshner, eds., *The Sanctuary and the Atonement* (Silver Spring, Md.: BRI, 1989); e os artigos sobre “Divine Judgment” e o “Sanctuary” em Raoul Dederen, ed., *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, Md.: Review and Herald, 2000).

2 O tópico teológico da presença de Deus tem sido sugerido como um tema teológico integrativo na teologia bíblica; veja por exemplo, Samuel Terrien, *The Elusive Presence: The Heart of Biblical Theology* (San Francisco, Calif.: Harper and Row, 1978), pp. 475, 476.